

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Germari Ornelas Prates

**PROJETO CINEMAZ: UMA EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL NA
ESCOLA MUNICIPAL ARMANDO ZILLER**

Belo Horizonte

2015

Germari Ornelas Prates

**PROJETO CINEMAZ: UMA EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL NA
ESCOLA MUNICIPAL ARMANDO ZILLER**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profª Drª Carmem Lúcia Eiterer

Belo Horizonte
2015

Germari Ornelas Prates

**PROJETO CINEMAZ: UMA EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL NA ESCOLA
MUNICIPAL ARMANDO ZILLER**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carmem Lúcia Eiterer

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Carmem Lúcia Eiterer – Faculdade de Educação da UFMG

Prof^a Dr^a Amarilis Coelho Coragem - Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal implantar o Projeto *Cinemaz* que consistia na exibição de filmes para os estudantes e comunidade da Escola Municipal Armando Ziller, na tentativa de ampliar as possibilidades de exploração do espaço escolar como viabilizador de uma formação ampla incluindo o cinema como parceiro. Ao mesmo tempo influenciar (positivamente) na formação do gosto dos estudantes. Para executar as ações foram selecionados seis títulos: *Vista Minha Pele* (2003), *Kiriku e a Feiticeira* (1999), *A Invenção de Hugo Cabret* (2012), *Billy Elliot*, (1999), *Narradores de Javé* (2003) e *Cine Holliúdy* (2013). O filmes foram exibidos em uma sala adaptada, com *data show* e uma caixa de som amplificada.

Palavras-chave: escola – cinema – educação.

SUMÁRIO

1. Memórias, educação, cinema	6
2. O projeto	
2.1. Das primeiras tentativas	12
2.2 Impasses e problematizações diante de um suposto fracasso..	13
2.3 Nova proposta	17
3. Ação!	22
4. Considerações finais	30
5. REFERÊNCIAS	31
6. ANEXOS	33

1. Memórias, educação, cinema...

Desde 2002 sou professora concursada da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Minha formação docente consistia, na época, do curso de magistério realizado parte na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité-MG, e parte na Fundação de Ensino de Contagem-MG.

Desde a época da posse no cargo público de professor municipal, fui lotada na Escola Municipal Armando Ziller, localizada no bairro Mantiqueira, na região de Venda Nova. Paralelamente a isso, cursava Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Iniciei minha atividade docente na escola com estudantes do final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental (3º ano), no turno da tarde. Como ingressei na instituição no 2º semestre letivo, procurei dar continuidade ao trabalho iniciado pela professora que era regente e referência da turma até minha chegada.

Ainda em 2002, fui convidada pela direção da escola a estender minha jornada, trabalhando também no turno da manhã, com estudantes do final do 2º ciclo do Ensino Fundamental (6º ano), como professora de Matemática. A situação era extremamente complexa: quatro turmas, com média de trinta estudantes, agitados e um pouco desorientados em função da rotatividade excessiva de professoras.

Tal rotatividade na organização do currículo por disciplinas específicas ou em Matemática já havia levado à troca de professores(as) várias vezes.

Essas primeiras experiências foram desafiadoras e percebi que eram frequentes na escola: a falta de professores por licenças médicas e por não serem todos efetivos, além da localização da escola¹, alterava significativamente a dinâmica de todo processo de ensino-aprendizagem.

Nesse período, abandonei o curso de Pedagogia quando estava prestes a me formar.

A partir de 2003, inverti minha situação funcional: passei a integrar o turno manhã como professora efetiva de final de 2º ciclo, e a extensão de jornada foi

¹ A Escola Municipal Armando Ziller, situada à Rua Geraldo Ilídio Teixeira, nº 283, no bairro Mantiqueira (divisa com o bairro Landi e Pedra Branca de Ribeirão das Neves – MG), tendo como referência a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, é a escola mais distante de toda a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH).

desenvolvida no turno tarde, com estudantes de 1º e 2º ciclos². Outra mudança ocorreu em função da atuação: passei a trabalhar como professora de Informática. Na época a Informática configurava-se como uma disciplina no Plano Curricular da instituição.

Pelo Projeto apresentado pela direção e coordenação da época, deveria ocorrer uma interação entre as aulas de Informática e as disciplinas regulares. No entanto, na prática, o que acontecia eram atividades completamente isoladas. O que deveria ser uma instrumentalização, uma ferramenta a serviço do processo de aprendizagem, tornava-se, na verdade, um componente curricular em si, estanque e sem conexão com as demais áreas do conhecimento.

No quadro curricular, os estudantes de quinze turmas³ tinham uma aula de Informática por semana. A maioria dos estudantes não tinha acesso ao computador fora do espaço escolar. Grande parte nunca havia acessado um computador anteriormente. Procurei desenvolver atividades que possibilitassem o acesso ao computador como instrumento de estudo e pesquisa, apresentando as alternativas de digitação e edição de textos e navegação na Internet. Isso se deu até o final de 2004.

De 2005 a 2006 atuei como coordenadora pedagógica no 1º turno da escola. Como na E.M. Armando Ziller a coordenação era muito dependente da direção da escola, nos dois primeiros anos de coordenação, os problemas da direção na gestão pedagógica e administrativa afetaram negativamente o desenvolvimento do trabalho de coordenação, principalmente na orientação e acompanhamento do trabalho docente.

A direção seguinte, oposição da anterior, solicitou que eu continuasse, em 2007, como coordenadora, mas a maioria do corpo docente se opôs. Foi um período difícil, em que pouco se conseguiu em termos pedagógicos, pois a prioridade era tentar reorganizar a unidade escolar que encontrava-se administrativamente caótica. Éramos três coordenadoras que se desdobravam para atender aos estudantes, definir uma linha de trabalho junto aos professores e se relacionar harmonicamente

² Os Ciclos de Formação que pautavam a organização da RMEBH, na Escola Municipal Armando Ziller eram divididos entre os três turnos de funcionamento: 1º turno (Manhã), 2º turno (Tarde) e 3º turno (Noite). Sendo que o 1º e o início do 2º ciclo de formação concentravam-se no 2º turno, o final do 2º ciclo e o 3º ciclo de formação concentravam-se no 1º turno, mas havia turmas de 3º ciclo no Ensino Regular Noturno.

³ A Escola Municipal Armando Ziller possuía (entre 2002 e 2005) autorização de funcionamento de 30 turmas de Ensino Fundamental diurno (15 pela manhã e 15 à tarde).

com uma comunidade extremamente complexa.

Em 2008, voltei a atuar como professora regente, desta vez com aulas de Ciências, no 2º ciclo. A Escola não possuía uma orientação quanto ao planejamento ou currículo. A saída foi recorrer aos livros e buscar junto aos colegas mais experientes estratégias e orientações pedagógicas. Estabelecido um plano, procurei investir no envolvimento dos estudantes, instigando-os, buscando sempre relacionar o estudo das Ciências Naturais com o cotidiano.

Ainda no ano de 2008, pude atuar (em regime de extensão de jornada), como professora do PIP – Projeto de Intervenção Pedagógica. A proposta, em toda a Rede Municipal de Educação, era desenvolver estratégias para que estudantes com problemas e/ou defasagem no processo de aprendizagem pudessem superar suas dificuldades e acompanhar seus pares de idade nos ciclos de formação. Com grupos bem menores que os da enturmação regular (de dez a doze estudantes), material e formação específica, o trabalho era desenvolvido de forma bem mais sistemática, e os estudantes podiam contar com uma atenção quase individualizada. O desafio maior era a frequência, pois as aulas ocorriam no contra turno.

Em 2009, novamente atuei como professora regente com aulas de Ciências. Naquele momento, uma orientação para o planejamento pedagógico começava a se delinear com o início da divulgação das Proposições Curriculares da Rede Municipal⁴.

A partir daí a Escola tratou de estabelecer o planejamento anual com alguns critérios básicos: encontros por etapa e por área; possibilidade de continuidade do trabalho pedagógico em caso de troca de professores. Eu trabalhava, então, com duas turmas de 2º ano do 2º ciclo, com grandes dificuldades de aprendizagem. No entanto, tinha boa expectativa, pois os estudantes demonstravam interesse pelas aulas e respondiam positivamente às propostas, como experimentos, pesquisas e registros.

Novamente assumi a coordenação em 2010 e 2011. A mesma gestão de 2007, mas com uma equipe de coordenação reconfigurada. O trabalho continuou árduo, porém com maior aceitação por parte do grupo docente, o que permitiu que alcançássemos resultados positivos no trabalho pedagógico, ainda que pequenos.

⁴ As Proposições Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte foram elaboradas entre os anos de 2007 e 2008. Em 2010, foi realizada a primeira publicação impressa que foi disponibilizada para todas as escolas da RMEBH.

A partir de 2012, já com outra direção, continuei na coordenação, função que exerci na instituição até 2014. Tal situação, o incentivo e cooperação de minhas companheiras de coordenação, o apoio da direção e meu interesse em retomar minha trajetória de formação fizeram com que eu retomasse o curso de Pedagogia na FaE-UFMG em 2013 e, finalmente, concluísse minha graduação.

As políticas da/para a Rede Municipal, assim como as políticas públicas para a Educação em âmbito estadual e nacional, a composição do quadro de professores e funcionários, a diversidade sociocultural, geracional e histórica de todos os atores escolares fazem da escola um território sensível e tenso. Perguntamo-nos cotidianamente como fazer para garantir a permanência e aprendizagem dos estudantes em escolas públicas, situadas em comunidades onde o estado historicamente se omitiu, se nossa dinâmica dificulta o trabalho coletivo e a qualidade de projetos efetivamente pedagógicos.

A maior parte do tempo do trabalho docente (seja na regência ou na coordenação pedagógica) é dedicada a atender estudantes carentes de atenção, de orientação e de perspectiva. No entanto, por acreditar na Escola que acolha seus estudantes e que os leve a enxergar possibilidades de mudança, de expectativa de sucesso longe do crime e das drogas, aceitei o desafio de permanecer na coordenação até o final de 2014 e, concomitantemente, exercer atividade de regência, no turno da tarde, no final do 1º ciclo, além de me propor a continuidade de meu percurso formativo.

A pós-graduação

Com a conclusão de meu curso de graduação após um hiato de 10 anos, senti a necessidade de continuar investindo em minha formação. Surgiu então a oportunidade de fazer uma pós-graduação no Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica da FaE/UFMG, instituição que tem fundamental importância em minha vida acadêmica. Meu interesse foi imediato pela área Educação e Cinema.

Minha história com o cinema começou com histórias de minha mãe. Eu ficava encantada quando criança, e até hoje fico, com seus relatos da própria infância no interior, de quando morava em uma fazenda, e de como os pais perderam tudo e

foram morar na cidade de Jequitinhonha, de como muito cedo começou a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Um dos seus empregos foi ajudando um irmão mais velho que era o técnico e uma espécie de gerente responsável pelo cinema da cidade. Ela, já uma mocinha, ficava na bilheteria e podia se deliciar com alguns títulos exibidos na única sala de cinema da cidade, como *E o Vento Levou* (1939), *Casablanca* (1942), *A Volta ao Mundo em 80 dias* (1956), *La Violetera* (1958), *Ben-Hur* (1959), os filmes protagonizados por *Elvis Presley* (1956 a 1969), *O dólar furado* (1965), *Dr. Jivago* (1965), e por aí vai...

Já minha experiência fílmica, em uma sala de cinema, aconteceu no início dos anos 80, quando eu tinha 10 ou 11 anos de idade. Até hoje me lembro da emoção que senti, do frio na barriga, pois era uma experiência totalmente diferente de tudo que já havia vivenciado. Foi um presente de um casal de amigos da família. Conseguir a autorização do meu pai já era excepcional. Ir a um cinema, na época o *Cine Palladium*⁵, do qual eu tanto ouvira falar, era maravilhoso. Assisti a uma sessão do filme *O Campeão* (1979), de Franco Zeffirelli.

Outra provável influência do cinema em minha escolha pela área de Educação e Cinema foi o fato de ter participado do programa de estágio da FUMP – Fundação Mendes Pimentel. De 1999 a 2002 fui auxiliar administrativo no Centro Cultural UFMG. Naquele período pude ter acesso a shows, espetáculos teatrais e exposições que ampliaram meus conhecimentos acerca das artes e das pessoas que trabalham com arte. Além disso, participei de oficinas de produção de vídeo, roteiro e cinema. Esta última com o professor Silvino de Castro, da Escola de Belas Artes da UFMG.

Interessei-me pela proposta do curso de possibilitar estudos e reflexões sobre a importância estética e educativa do cinema na formação do gosto e da sensibilidade e propor a inserção efetiva do cinema como arte e linguagem no espaço escolar. Pensei em projetos que tinha em mente e que, de alguma maneira, poderiam ampliar possibilidades de estratégias para lidar com as crianças e adolescentes com as quais trabalho. Juntamente com o desejo de incluir o cinema na rotina escolar surgiram os primeiros questionamentos, pois não é novidade que filmes são exibidos no cotidiano das escolas, mas, em que contextos? Em que

⁵ O Cine Palladium foi inaugurado em 1963, funcionava na Rua Rio de Janeiro, 1046, no centro de Belo Horizonte. Considerado um dos mais bonitos e elegantes da cidade, tinha a capacidade para 1,1 mil lugares. Fechou as portas em 1999.

locais? Com quais objetivos? O que mais pode ser “aprendido” com o cinema na escola? E o cinema como arte? Qual o papel da escola ao oferecer diversas leituras e utilizações de seus espaços? Poderia a escola ser um espaço formativo fora do contexto de sala de aula?

Essas e outras perguntas, que poderiam ser respondidas por colegas de profissão de forma mais ou menos simplista com formulações tais como “escolho um filme que trate dos temas trabalhados em sala” ou “as crianças precisam de um momento lúdico para saírem da rotina das aulas expositivas”, trazem em sua origem, independentemente das respostas que podem suscitar, a questão da relação entre a educação, a escola como espaço formativo e o cinema como arte e linguagem

Fresquet (2013), ao discutir essa relação, defende que ela seja de parceria, pois

com o cinema como parceiro a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o “faz de conta” e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do desenvolvimento.(p 20)

Sendo assim, na reflexão acerca dos problemas e possibilidades que norteiam e desnorteiam o trabalho docente na Escola Municipal Armando Ziller, assim como nas experiências relacionadas ao cinema ou exibições de filmes em um contexto sociocultural escolar, é que se constrói o presente trabalho.

2. O Projeto

2.1. Das primeiras tentativas

A Escola Municipal “Armando Ziller” (EMAZ) localiza-se no bairro Mantiqueira (parte alta na divisa com Landi – 1ª seção), região efetivamente carente de equipamentos culturais e de lazer⁶. Dos equipamentos públicos destinados ao atendimento comunitário, as escolas (principalmente as de âmbito municipal), são a referência da população. No ano de 2013, a equipe pedagógica da escola (coordenação e direção) buscou desenvolver um projeto que articulasse temas de interesse pedagógico, associados aos planos de ensino ou sequências didáticas, com a possibilidade de oferecer uma opção de socialização e lazer aos estudantes e à comunidade local. Na realidade, o embrião desta ideia foi uma atividade esporádica, que ocorria em algumas noites da escola, voltada para o público da EJA - Educação de Jovens e Adultos, na qual alguns filmes foram exibidos em 2011.

Em 2013, a intenção era consolidar um projeto sistemático de exhibições, com planejamento, ampla divulgação, com títulos indicados pelo pelos(as) professores(as), abordando ou perpassando as temáticas da diversidade, do protagonismo juvenil e/ou da Cultura de Paz. O objetivo central do projeto era atrair os estudantes (público-alvo) que, por sua vez, levariam seus pais, amigos, vizinhos para a exibição dos filmes. Institucionalizamos o **Projeto Cinemaz**.

O Projeto, aprovado pela equipe pedagógica da escola, quando apresentado ao grupo docente, foi bem recebido. Alguns professores(as) se prontificaram a contribuir, indicando filmes relacionados a seus programas didáticos, principalmente os da área de História e Geografia.

Das indicações efetivadas pelo grupo docente, foram priorizados os títulos que apresentavam relação com os três grandes eixos norteadores dos projetos da EMAZ: diversidade, protagonismo juvenil e cultura de paz. Dentre os filmes indicados constavam: *O poder de um Jovem* (EUA, 1992), *Uma Lição de Amor* (EUA, 2001) e *Billy Elliot* (Inglaterra, 1999). Aprovados pelo grupo docente, estes foram os filmes escolhidos para iniciar as exhibições, que aconteceriam uma vez por mês, às sextas-feiras, a partir das dezoito horas.

⁶ Apesar de o Bairro Mantiqueira margear a Sede Social do SESC-MG o espaço não é acessível à população da região, principalmente, à comunidade do Alto-Mantiqueira.

O processo de divulgação do projeto previa a elaboração, confecção e distribuição de cartazes e *flyers* com sinopses uma semana antes de cada sessão. Os cartazes eram confeccionados em formato A1, em policromia, e afixados nos locais de maior visibilidade do espaço escolar (assim como nos portões externos da instituição). Os *flyers* eram impressos na própria escola e entregues nas salas de aula, a cada estudante, pela coordenação pedagógica.

O local escolhido para a exibição dos filmes foi a quadra da escola, tendo em vista que a EMAZ não possuía (e ainda não possui) auditório ou espaço multimeios. A quadra coberta da unidade escolar era ambientada para a nova finalidade: cadeiras brancas eram dispostas em fileiras em frente a uma tela branca de 4mx2m (painel fixo pintado em uma das laterais da quadra), os equipamentos de projeção (projektor multimídia e caixa amplificadora) eram montados uma hora antes do evento. Tal operativo só tornou-se viável em função de o projeto ter sido implementado não como iniciativa de um único agente, mas como um projeto institucional. Sendo assim, toda a equipe de funcionários era acionada para viabilizar a preparação do ambiente: desde os funcionários da limpeza (as aulas do turno tarde se encerravam às 17 horas e 20 minutos, a quadra tinha de ser imediatamente lavada e arrumada para a exibição), até as funcionárias da cantina escolar (que preparavam a pipoca) e o agente de informática que montava os equipamentos de áudio e vídeo.

Em linhas gerais, o Cinemaz funcionava da seguinte forma: pesquisa de títulos com professores(as), direção e coordenação; divulgação entre os estudantes (1º, 2º e 3º ciclos e EJA); sessões mensais realizadas preferencialmente às sextas-feiras, às 18 horas, na quadra da Escola. O orçamento do Projeto era baixo, pois os custos, basicamente, eram de locação dos filmes e impressão de cartazes e panfletos de divulgação. Sendo assim, todos os custos foram arcados com recursos do Caixa Escolar da E.M. Armando Ziller.

As exibições ocorreram de agosto a outubro de 2013 (23 de agosto, 27 de setembro e 25 de outubro). A média de espectadores era de 20 a 30 pessoas, em sua grande maioria adolescentes que estudavam no turno da manhã. Apenas a exibição do filme *Uma lição de amor* contou com a presença de um casal que acompanhava os filhos, um menino e uma menina de nove e dez anos respectivamente, ambos estudantes da Escola.

Em meio aos atropelos e a uma série de outras demandas que se acentuam no final de cada ano letivo, o Projeto foi suspenso em novembro de 2013. Embora bem avaliado pelos estudantes que participaram das exposições, a coordenação pedagógica avaliou que o número de participantes era baixo, principalmente, em relação aos participantes da comunidade.

2.2. Impasses e problematizações diante de um suposto fracasso

Questionamentos acerca das tentativas e erros experimentados anteriormente geraram indagações sobre o(s) motivo(s) de se exibir filmes no ambiente escolar. Em uma situação ideal, todos os sujeitos socioculturais deveriam ter acesso a salas de cinema desde a infância. Ocorre que não é assim. A maioria dos estudantes hoje matriculados na Rede Pública Municipal de Educação de Belo Horizonte, nas comunidades periféricas, têm sua primeira experiência fílmica em uma sala de cinema por meio das excursões promovidas pelas escolas. Tal processo é tão comum que é visto como natural que seja papel da escola apresentar o cinema ou outras expressões das artes para as novas gerações, principalmente aos estudantes da rede pública.

O poder público, ao se encarregar da ampliação do acesso à educação por meio da universalização da escolarização, anexou às funções da escola atribuições múltiplas referentes a aspectos socioculturais que acabaram por se naturalizar. Uma possível justificativa para isso seria que a luta contra a exclusão, pela qualidade da educação para todos, contra a violência, a favor da construção crítica da cidadania e, porque não, do acesso a bens culturais faz parte do repertório de professores e professoras. Positivamente ou não, a escola é um terreno próspero para determinadas ações e acaba desempenhando funções das quais o estado se omite. Nesse sentido Fresquet (2013) questiona

Com frequência a educação é apresentada, especialmente nos discursos políticos, como via de solução das assimetrias sociais, econômicas, culturais, sempre que olhada em perspectiva, como processo longo e efetivo de apropriação. [...] Essa educação, capaz de atingir a capilaridade de um país de tamanho continental, que, por sua vez, também espelha ou provoca tantas ou mais assimetrias, pode vir a constituir um projeto de justiça social ou projetar alguma sombra de igualdade?

As múltiplas possibilidades de aprendizagens na escola abarcam uma gama de fazeres que resultam por constituir seus diversos currículos. Fourquin (1993) ao propor uma reflexão sobre currículo e cultura afirma que, “incontestavelmente, existe, entre educação e cultura, uma relação íntima, orgânica”. Considerando os diversos saberes apreendidos ou descartados ao longo da trajetória dos educandos, não há que se desprezar a importância da formação dos meninos e meninas, crianças e adolescente por meio do cinema. O tempo todo os estudantes se referem aos filmes vistos na TV ou em DVDs piratas. Talvez neste ponto a escola comece a

se sentir responsável por intervir.

Fresquet (2013), analisando a importância da introdução do cinema no contexto escolar, pondera que as (im)possibilidades podem gerar novos vínculos. Superar dificuldades para proporcionar a aproximação dos(as) educandos com (bons) filmes escolhidos cuidadosamente pelo(as) professores(as) “consiste em salvaguardar um espaço e um tempo para o encontro: do cinema com a infância, da criança com o adulto e do adulto com a criança que, escondida, ainda o habita”.

O uso do cinema como ferramenta de instrução, educação e reflexão humanas remonta ao século XIX. Como contextualiza Gusmão (2011)

Não há novidade, pelo menos para os que se interessam, quando se afirma que a relação entre cinema e educação é secular. Penso mesmo que não é exagero afirmar que a pedagogia do cinema é contemporânea ao surgimento do cinematógrafo, especialmente quando há possibilidade de especular sobre o impacto que a imagem em movimento provocou ao olhar do homem, em diversos lugares do mundo, na virada do século XIX para o século XX.

O que efetivamente ocorre quando se promove o encontro com o cinema na escola? Fresquet (2013), ao problematizar a introdução do cinema na escola, a partir dos estudos de Bergala (2006)⁷, aponta quatro ações fundamentais

1. “Organizar a possibilidade do encontro com os filmes”. Consciente da responsabilidade implicada nos primeiros encontros com o cinema, a escola deve implementar estratégias para colocar os alunos em contato com filmes que não os do circuito comercial.[...]
2. “Designar, iniciar, tornar-se um *“passeur”*”. O educador precisa mudar seu estatuto simbólico, abandonando o seu papel docente, para retomar o contato com os seus alunos em outro lugar[...] como passador, iniciador, em um domínio da arte. [...]
3. “Aprender a frequentar os filmes”. Uma vez gerado o encontro, é de se esperar que a escola facilite o acesso individual e vivo a filmes. Também é necessário iniciar os alunos em uma leitura criativa, não apenas analítica e crítica. [...]
4. “Tecer laços entre os filmes”. Na escola podem ser criadas relações entre os filmes atuais e filmes mais antigos que, por sua vez, se entrelaçam com outras produções culturais, movimentos, escolas, épocas.

Incorporar tais ações com responsabilidade permite que a escola modifique, mesmo que em escala mínima, a relação das crianças e adolescentes com a cultura, a arte, a estética e, por que não, a política. Além disso, como enfatiza Fresquet (2013) “o cinema exerce um papel fundamental na transmissão transgeracional e, nesse ponto, articula-se intimamente com a função do professor”.(p.53)

⁷ BERGALA, A. *A hipótese-cinema*. In: FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013. p. 52-53

2.3 A Nova Proposta

Por que o Cinemaz foi suspenso? Quais foram as possíveis falhas que teriam gerado seu aparente “fracasso”? A essas perguntas que incomodavam ao final de 2013, se sobrepôs, após o início da pós-graduação na área de Cinema e Educação um questionamento: a avaliação negativa do Projeto por parte da equipe proponente seria um equívoco?

Rosália Duarte, em seu livro *Cinema & Educação* (2009), abordando os contextos que cercam a relação dos indivíduos com o cinema, afirma que “ver filmes em salas de exibição é um hábito que precisa ser aprendido (p.14)”. Na escola, apesar de não ser uma sala de exibição *strictu sensu*, não seria diferente. É preciso fazer com que a rotina da oferta forme o hábito da procura por bons filmes, em lugar adaptado e organizado para tal, que as pessoas se sintam convidadas a viver a experiência do cinema como experiência coletiva.

Inicialmente a oferta procurava seduzir os convidados como um momento de lazer coletivo, já que nas proximidades da escola não há, como dito anteriormente, outras opções de entretenimento. Este argumento era e é correto. No *Dicionário Crítico da Educação* (2014), após retomar os vários significados que o termo lazer assume em diferentes contextos históricos e sociológicos, Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto conclui que

o lazer é cada vez mais reconhecido como um dos fatores de qualidade de vida e saúde, de desenvolvimento humano, social e econômico, direito a ser garantido aos sujeitos de todas as idades, etnias, gêneros e camadas sociais. (p 170)

No entanto, em se tratando de uma iniciativa da/na educação, é preciso que se tenha em mente mais do que a dimensão do lazer, da possibilidade de encontros com os pares e da pluralidade de ramificações socioculturais desses encontros. Não se trata, porém, de “contaminar” pedagogicamente os momentos, mas talvez de potencializar essas experiências como aprendizagens do olhar que se estenderiam às mais diversas áreas de expressão. Duarte (2009), ao falar de sua experiência como espectadora relata que

conhecer me ensinou a olhar o cinema de uma certa maneira e a construir com os filmes relações que eu não sabia possíveis. Aprendi a aprender com filmes, a usufruir mais intensamente da emoção que provocam, a interpretar as imagens, a refletir a partir delas, a reconhecer valores diferentes e a questionar os meus próprios (p.11)

As possibilidades são, portanto, variadas, afinal cada ser age e reage

diferentemente diante de um mesmo evento singular de exibição de um título. Mas, tornar a exibição dos filmes um hábito arraigado na rotina escolar, fazendo com que os(as) estudantes conheçam melhor o cinema como arte, construindo mecanismos para entendê-lo como linguagem, certamente produzirá aprendizagem. Duarte (2009) chama de “prática social” quando diz da aprendizagem de tais mecanismos desenvolvidos para se apreciar os mais diferentes tipos de filmes.

Nessa perspectiva, uma iniciativa como a do Projeto Cinemaz de exibir filmes fora do horário de aulas, ou seja, com adesão totalmente voluntária por parte dos estudantes, com títulos com os quais eles não se identificavam *a priori*, conseguindo uma média de público de vinte a trinta adolescentes, não podia ser considerada um fracasso.

Era necessária uma avaliação a partir de novos elementos. Iniciou-se então a reativação do Projeto Cinemaz. Para (re)começar foi necessário rever o trabalho anterior junto à direção, coordenação e alguns(mas) professores(as), a fim de detectar o que poderia ser feito para dar continuidade às atividades.

Algumas indagações sobre os objetivos gerais do Projeto (ofertar à comunidade escolar da EM Armando Ziller um espaço de interação, lazer e cultura; aproximar a comunidade escolar do espaço público que é a escola; inserir a arte do Cinema no processo de aprendizagem por meio de uma visão multidisciplinar como um meio de aproximar o público estudantil da narrativa cinematográfica) foram redimensionados. Caberia saber se a escola conseguiria influenciar na formação do gosto a partir da oferta de “produtos” que não são os recorrentes no cotidiano das crianças e adolescentes da periferia de Belo Horizonte. Assim como se ela poderia ser um espaço de fruição do cinema como arte numa perspectiva estética e sociocultural.

Duarte (2009) propõe algumas reflexões importantes ao pensar a relação entre a formação dos nossos meninos e meninas do ensino fundamental e a contribuição do cinema, mais especificamente se os filmes, ocasional ou sistematicamente, podem ser oferecidos numa perspectiva escolar:

[...] os meios de educacionais ainda veem o audiovisual como mero complemento de atividades verdadeiramente educativas, como leitura de textos, por exemplo, ou seja, como um recurso adicional e secundário em relação ao processo educacional propriamente dito (p. 18).

Não é proposta aqui uma discussão dicotômica entre cinema e literatura. A questão principal é a de como os filmes chegam até as crianças, por quais filtros e através de que olhares. Ou, uma questão anterior: a de quais filmes exhibir. Quando se concebe a escola como um espaço das exposições de filmes para as crianças e adolescentes que lá estudam é aceitável que o viés pedagógico seja o alinhado de qualquer proposta, o que não é exatamente uma garantia de qualidade.

No debate pedagógico, podemos recorrer a Andrade (2012) que em um artigo sobre memória e cinema aponta dimensões que mostram o quanto o cinema pode tensionar áreas sensíveis à percepção do espectador levando-o a novas articulações da realidade, defendendo que

O cinema, junto com seu leitor-espectador, também discute e problematiza a verdade – parcial, provisória e aproximada, ou seja, sempre caleidoscópica.[...] como registro de memórias, linguagem e artefato o cinema é uma arte de enigmas, provocando estranhamentos, choques, confrontos.

Uma das diversas aprendizagens, ao longo do curso Cinema e Educação, foi um tanto amarga: como os conhecimentos e as análises em torno do cinema e, mais especificamente, das produções cinematográficas por parte dos professores e professoras são poucas e pequenas. Não é uma questão de culpabilização. O que muitas vezes se mostra como descaso ou descuido no trato de professores(as) ao exhibir um filme qualquer, por um motivo qualquer, a seus(suas) estudantes é, na verdade, falta de conhecimento. Exhibir para as crianças permanentemente animações de um mesmo padrão, como as dos estúdios *Disney* ou programas de TV, por exemplo, pode ser explicado pelo desconhecimento de produções nacionais de boa qualidade ou de outras produtoras/distribuidoras menos conhecidas, além de uma gama de curtas-metragens. Duarte (2009) aponta que

[...] o fato de a maioria dos brasileiros ignorar a existência de incontáveis obras da nossa cinematografia (algumas delas incluídas entre as melhores do mundo) é tratado como algo irrelevante (mesmo nós, professores, muitas vezes desmerecemos essa produção). (p.19)

Propor novamente uma atividade que levasse os (as) estudantes a ter contato com filmes fora do ambiente de sala de aula tornou-se resposta a um incômodo antigo: os filmes exibidos na escola eram, na maioria absoluta dos casos, uma atividade secundária. As crianças e/ou adolescentes tinham acesso aos títulos *top*, amplamente divulgados pela TV, e sucessos de bilheteria. Não que nossos

estudantes fossem frequentadores de salas de cinema, ao contrário (conforme já foi explicitado anteriormente). A experiência do cinema se dava, para a maioria dos estudantes da EMAZ, como uma experiência da TV, no âmbito privado da sala de casa ou, no máximo, no âmbito coletivo da sala de aula.

Sendo assim, faz-se necessário defender a importância de se inserir novas perspectivas para a exibição de filmes na escola: o cinema como possibilidades múltiplas, provocativas e essenciais. Isso permitiria à escola ser muito mais eficiente na formação do gosto, na educação do olhar dos(as) estudantes.

É interessante ressaltar que os pais dos(as) estudantes corroboram a ideia de incompatibilidade entre exibição de filmes na escola e momentos de aprendizagem. Tal ideia é tão presente que é comum ouvir comentários do tipo “meu filho não poderá ir à escola amanhã, mas ele falou que não tem problema porque a professora vai passar filme...”.

Rever a forma como os filmes são oferecidos, entender como os espectadores reagem e interagem a cada filme e possibilitar a formação do gosto e a educação do olhar é o que leva a Escola a insistir em um projeto pensado para além da sala de aula, mas que de alguma forma tenha reflexos dentro dela, dialogue com ela.

Se a proposta de intervenção era, basicamente, pensar as exibições dos filmes como forma de ampliar a possibilidade de utilização do espaço da escola como *locus* de lazer, de encontros, com o bônus de se ver um “bom” filme, era preciso dar conta disto.

Duarte (2009) aponta para a necessidade de se entender a pedagogia do cinema. Entender o modo como as imagens foram produzidas, a influência da trilha sonora, interrogar as intenções do diretor, do produtor, ultrapassar o limite da tela. Conhecendo melhor o fazer cinematográfico, professoras e professores têm mais elementos para fazer escolhas corretas na hora de contar histórias através dos filmes.

Esse “olhar pedagógico” que conduz ou, às vezes, perturba a condução de boa parte das discussões acerca de propostas de atividades para a formação dos meninos e meninas no ensino fundamental questiona: o que vai ser ensinado? Duarte (2009) analisando o que tem sido pesquisado sobre o efeito da interação do audiovisual e sua interferência na “composição do imaginário social, na produção de

identidades e na transmissão de valores éticos e morais” defende que o espectador tem a sua forma de ler o mundo, de interpretar os conteúdos midiáticos. “Tudo indica que o significado das mensagens seja produto muito mais de uma interação entre produtor e receptor do que da imposição de sentidos de um sobre o outro.” (Duarte, 2009).

Entendendo que o espectador trás consigo para diante da tela suas informações, seus conceitos, suas normas e da completa surpresa que será o resultado de tal interação a cada sujeito, mais importante se torna o papel de professores e professoras diante da escolha, da seleção do que se pretende exhibir.

Para se discutir o cinema na escola, é necessário explorar os filmes, mas não somente como recurso de apoio didático, de segunda ordem. Cabe as professoras e professores, contribuir no processo de "ensinar a ver", se ocupando da escolha dos filmes, a partir do que conhecem sobre cinema, rica fonte de conhecimentos, de aprendizagens. Projetos como o Cinemaz, podem ajudar a escola a superar esta dificuldade em percebê-lo desta maneira, na medida em que pretende uma análise das imagens e das narrativas fílmicas de forma não subserviente às dinâmicas da sala de aula.

Na atualidade, a educação se depara com uma questão que se coloca polêmica, a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional. A Lei 13.006, publicada no Diário Oficial da União em 27 de junho de 2014, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece que

[...]§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.

A polêmica se dá com especulações em torno da agitação do mercado, das críticas às condições materiais e físicas das escolas nas pequenas cidades do Brasil em que não há, muitas vezes, uma sala de aula e dos critérios para escolha dos títulos. Por outro lado, há a análise de que assim a produção nacional contará com um forte aliado para chegar à população através das escolas.

3. Ação!

Buscando fazer do Projeto *Cinemaz* uma atividade em diálogo com os princípios da Escola, suas ações se nortearam, em 2014, pelo objetivo de exibir filmes cuja temática abordasse luta por direitos, crítica social, tolerância/intolerância, e ao mesmo tempo, transformasse o espaço da Escola em local de lazer e enriquecimento cultural, incentivando a formação crítica e apreciativa, através das produções cinematográficas brasileiras e/ou estrangeira pouco conhecidas pelo público em geral.

A definição da lista de filmes que comporiam a programação do Cinemaz em 2014 deu-se a partir de indicações dos professores, pesquisa na *Internet* e sugestões valiosas de colegas e professores do curso de especialização em Educação e Cinema do LASEB. Sete títulos foram selecionados:

- **A invenção de Hugo Cabret (2012)**: uma grande homenagem ao cinema e à história do cinema, com qualidade, beleza e emoção.
- **Billy Eliot (1999)**: conta a história de um adolescente que precisa enfrentar o preconceito da comunidade e uma crise financeira que se abateu sobre sua família para realizar seu sonho.
- **Narradores de Javé (2003)**: uma narrativa divertida e de qualidade em que uma ameaça à própria existência pode mudar a rotina dos habitantes do pequeno vilarejo de Javé e força as pessoas a reconstituir sua própria história.
- **Vista Minha Pele (2003)**: curta-metragem que apresenta uma divertida paródia da realidade brasileira. Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados.
- **Uma Lição de Amor (2001)**: que conta a história de um homem com deficiência mental que cria sua filha com ajuda de seus amigos e é colocado diante de grandes dificuldades que precisa vencer para não perdê-la, além de enfrentar o preconceito.

- **Kiriku e a Feiticeira (1999)**: animação baseada em um conto africano que narra a história um menino minúsculo, cujo destino é enfrentar uma poderosa e malvada feiticeira.
- **Cine Holliúdy (2013)**: produção nacional que conta de forma divertida a história de resistência do cinema no interior nordestino às vésperas da chegada da televisão.

3.1. Da preparação

Um dos problemas detectados e analisados no Projeto original do Cinemaz, inclusive em algumas aulas no LASEB, era com relação ao local das exhibições, visto que na Escola não há auditório, sala de multimeios ou similar. O cuidado com o local era primordial. O Projeto, suspenso em 2013, previa as exhibições na quadra da Escola. No entanto, a avaliação foi de que o local não era favorável, pois o espaço era muito amplo, com péssima acústica e não favorecia a concentração e a introspecção dos espectadores.

A Direção da escola autorizou então a utilização da Sala de Arte, mais ampla comparada às salas de aula comuns, possibilitando uma melhor adequação do espaço, inclusive em relação à acústica⁸.

A Direção designou também uma funcionária da limpeza antes de cada exhibição auxiliasse com os preparativos da sala: colocação de um tecido (TNT preto) que simulasse uma cortina para escurecer; retirada das cadeiras utilizadas durante as aulas e colocação de cadeiras de plástico brancas. O agente de informática ficou encarregado de auxiliar com a preparação do equipamento: (*projektor multimídia e a caixa de som amplificada*) devidamente instalados e funcionando, além de testar o filme.

Nesta edição do projeto, as exhibições aconteceriam semanalmente. A sexta-feira foi mantida como o dia das exhibições, assim como o horário, 18 horas, já que normalmente não há aulas à noite às sextas-feiras.

⁸ O Projeto de exhibição de filmes na escola não tem a pretensão de preencher lacunas geradas pela dificuldade de se levar as crianças e adolescentes ao cinema. A maioria, quase absoluta, dos(as) estudantes da EM Armando Ziller, só tem acesso às salas de projeção através da Escola. O encantamento que pode provocar a sala escura de cinema, assim como a qualidade do som, o tamanho da tela, o conforto das poltronas não é o que se pretende, nem de longe, recriar.

Assim como na edição de 2013, o material de divulgação era composto de cartazes dos filmes afixados em vários pontos da Escola; e *flyers* distribuídos em sala de aula, informando dia e horário da exibição, nome do diretor e ano de lançamento, classificação etária e uma pequena sinopse, convidando os estudantes e comunidade.

3.2. Das exposições

O planejamento inicial foi alterado diversas vezes em função da dinâmica e organização geral da Escola. A previsão de início das exposições (26 de setembro de 2014) e de finalização (21 de novembro de 2014) foram alteradas (tabela1).

TÍTULO	DATA
A Invenção de Hugo Cabret, 2012	26/09/2014
Billy Elliot, 1999	10/10/2014
Narradores de Javé, 2003	24/10/2014
Vista Minha Pele, 2003	31/10/2014
Uma Lição de Amor, 2001	07/11/2014
Kiriku e a Feiticeira, 1999	21/11/2014

Tabela 1. Programação inicial das exposições.

Alguns contratempos como alterações de calendário para realização de Assembleia Escolar, Avaliações externas cujas datas ainda não haviam sido confirmadas ou problemas operacionais levaram a uma consequente alteração das datas de exibição dos filmes e até a supressão de um dos títulos (Uma Lição de Amor), devido ao tempo limite do encerramento do Projeto e do término do ano letivo. O programa final está detalhado na Tabela 2.

TÍTULO	DATA
Vista Minha Pele, 2003	03/10/2014
Kiriku e a Feiticeira, 1999	24/10/2014
A Invenção de Hugo Cabret, 2012	31/10/2014
Billy Elliot, 1999	07/11/2014
Narradores de Javé, 2003	28/11/2014
Narradores de Javé, 2003	05/12/2014
Cine <i>Holliúdy</i> ,	12/12/2014

Tabela 2. Programação final das exibições.

É importante explicar que por problemas com a cópia do filme *Narradores de Javé*, a sessão do dia vinte e oito de novembro teve que ser interrompida, conforme será relatado no detalhamento das exibições.

3.3. Detalhamento das exibições

No dia três de outubro de 2014, aconteceu a exibição do filme ***Vista Minha Pele***, um curta-metragem, do diretor brasileiro Joel Zito⁹. *Vista minha Pele* é uma paródia da realidade brasileira, material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala de aula. Nessa história “invertida”, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. A personagem Maria é uma menina branca pobre, que estuda em um colégio particular graças à bolsa de estudos que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. A maioria de seus colegas a hostilizam, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres (Alemanha, Inglaterra etc) possui uma visão mais abrangente da realidade.

Compareceram à exibição do curta quinze estudantes do turno da manhã, sendo oito meninas e sete meninos, com idade entre 12 e 15 anos. Antes de iniciar a sessão, um prólogo era apresentado ressaltando a alegria de recebê-los(as) e sobre a importância do Projeto Cinemaz. Foi solicitado que desligassem os celulares, ao que prontamente atenderam.

Alguns estudantes levaram pipoca e refrigerante. Comportaram-se adequadamente durante a exibição do filme. Ao final, quando questionados se

⁹ Cineasta, escritor, professor, diretor e roteirista. Criador e diretor de filmes como *A Negação do Brasil*, *Filhas do Vento & Cinderelas*, *Lobos e um Príncipe Encantado*.

havia gostado, responderam positivamente. Perguntaram se haveria outras exposições. Foram informados da programação e de que o próximo título seria uma animação, baseada em um conto africano (Kiriku), também indicado pela professora da qual a maioria deles(as) era aluno(a).

A segunda sessão aconteceu no dia 24 de outubro de 2014. O filme ***Kiriku*** ou ***Kiriku e a Feiticeira*** é um longa-metragem de animação franco-belga. O diretor do filme, Michel Ocelot, passou parte da infância na Guiné, onde conheceu a lenda de *Kiriku*. O filme retrata uma lenda africana, em que um recém-nascido superdotado que sabe falar, andar e correr muito rápido se incumbem de salvar a sua aldeia de *Karabá*: uma feiticeira terrível que deu fim a todos os guerreiros da aldeia, secou a sua fonte d'água e roubou todo o ouro das mulheres.

A sessão teve início com um prólogo sobre o Projeto e um convite às pessoas para retornarem à sessão seguinte. Compareceram 15 estudantes do turno da manhã, com idades entre 11 e 14 anos. Também uma mãe de aluno, acompanhando o filho de 9 anos, estudante do turno da tarde.

Os estudantes demonstraram interesse e ficaram muito atentos até o final. Fizeram comentários e perguntaram sobre o restante da programação. Um dos estudantes, de 14 anos, sugeriu a exibição de um filme de terror ou de violência. Dois estudantes que compareceram à primeira exibição retornaram.

A Invenção de Hugo Cabret foi o terceiro título, exibido no dia 31 de outubro de 2014. Do diretor americano *Martin Scorsese*, o filme narra a história de um órfão, Hugo Cabret, que vive escondido nas paredes da estação de trem da Paris dos anos 30. Ele guarda consigo um robô quebrado, deixado por seu pai. Um dia, ao fugir do inspetor, ele conhece Isabelle, uma jovem com quem faz amizade. Logo Hugo descobre que ela tem uma chave com o fecho em forma de coração, exatamente do mesmo tamanho da fechadura existente no robô. O robô volta então a funcionar, levando a dupla a tentar resolver um mistério mágico.

Apenas quatro estudantes compareceram: duas meninas de 12 anos e dois meninos, um de 13 e um de 12 anos. Uma explicação para a baixa de público foi o fato de que no horário previsto para a exibição do filme choveu torrencialmente na região. Os meninos ficaram muito inquietos, pediram para ir ao banheiro e, mais ou menos no meio do filme, disseram que não ficariam até o final. Perguntados se não estavam gostando, disseram que estavam apenas cansados. As duas meninas

ficaram e disseram ter gostado muito. Uma das meninas estava participando pela segunda vez.

No dia 07 de novembro, tivemos a quarta sessão, com a exibição do filme **Billy Elliot**. Lançado em 2000, o filme é o primeiro longa-metragem do diretor inglês *Stephen Daldry*. Conta a história de um garoto de 11 anos, *Billy Elliot*, que vive numa pequena cidade inglesa, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. O filme é ambientado na cidade fictícia de *Everington* durante a greve dos mineiros britânicos entre os anos de 1984-1985. Pelo seu amor pela dança e sua esperança de se tornar um bailarino profissional, *Billy* e sua família terão de enfrentar muitas dificuldades, preconceitos e obstáculos. Exibido na versão anterior de 2013 do Cinemaz em uma sessão especial para duas turmas de 9º ano, o filme foi inserido na mostra de 2014, por ser considerado extremamente pertinente quando se pensa na vida e nos conflitos vividos pelos(as) adolescentes estudantes. Alvarenga & Gouvêa (2014) ao analisarem vários aspectos do filme destacaram:

O filme busca trabalhar o tempo todo com a emoção, na sua expressão mais sincera [...] para retratar o recurso à emoção, ao sentimento. Sentimento esse [...] que procura falar de questões que nos remetem a realização da própria humanidade, aos difíceis momentos da existência em que nos deparamos com a própria construção da identidade. (p 50)

Quando da exibição em 2013, houve uma repercussão bastante positiva entre os estudantes, gerando muitos comentários posteriores.

Na edição de 2014, compareceram oito estudantes do turno da manhã, sendo cinco meninas e três meninos, com idades entre 12 e 14 anos.

Duas meninas tiveram que sair antes do final do filme, mas perguntaram se ela poderia ser exibido pela manhã para que terminassem de assisti-lo.

De modo geral reagiram de forma tranquila e pareciam comovidos com a história do garoto. Alguns disseram que gostariam de assistir novamente.

A quinta sessão ocorreu no dia 21 de novembro. Tudo estava preparado para a exibição do filme **Narradores de Javé**, da diretora Eliane Caffé. A história se passa na pequena cidade de Javé, que está em vias de ficar submersa pelas águas de uma represa. Seus moradores não serão indenizados e não foram sequer notificados porque não possuem registros nem documentos das terras. Inconformados, descobrem que o local poderia ser preservado se tivesse um patrimônio histórico de valor comprovado em "documento científico". Decidem então escrever a história da cidade - mas poucos sabem ler e só um morador, o carteiro,

sabe escrever. Depois disso, o que se vê é uma tremenda confusão, pois todos procuram Antônio Biá, o carteiro, para que seja o escrivão da obra de cunho histórico, que possa afastar a possibilidade de desaparecimento da cidade.

Compareceram seis estudantes (três meninas e três meninos) com idades entre 12 e 14, além de um ex-aluno (16 anos) que estava acompanhando a irmã. Demonstravam expectativa, pareciam animados, influenciados pela divulgação por parte dos (as) professores(as). Uma funcionária da cantina estourou umas pipocas, o que também animou a sessão.

Após nove minutos de exibição o filme parou. O agente de informática foi acionado e, depois de testar a cópia em outro aparelho de DVD e no computador, constatou-se não haveria a possibilidade de exibição do filme. Os espectadores perguntaram se não poderiam ver outro filme. Na tentativa de resolver rapidamente o problema, foi ofertado aos presentes a possibilidade de verem o filme *Meu nome é Rádio*(EUA, 2003)¹⁰, que não estava previsto. Aceitaram, dizendo “esse é bom, é em inglês”. O público saiu satisfeito e com a promessa de que o “Narradores” seria exibido na sexta seguinte.

Na sexta seguinte, dia 05 de dezembro, **Narradores de Javé**. Desta vez com outra cópia, testada inteiramente antes de iniciar a sessão. O público não era o mesmo da semana anterior. Compareceram seis meninas, com idades entre 13 e 14 anos, e quatro meninos entre 12 e 13 anos.

Ao final, a maioria disse ter gostado do filme. Apenas uma adolescente disse ter achado “muito chato, demorado”.

Última sessão do Cinemaz, dia doze de dezembro de 2014. O filme **Cine Holliúdy** fez as honras. Uma comédia brasileira de 2013, dirigida por Halder Gomes. O longa é uma versão do premiado curta *Cine Holiúdy – O Astista Contra o Cabra do Mal*. O curta foi visto em 80 festivais de 20 países e ganhou 42 prêmios. O cenário é o interior do Ceará, na década de 1970, no período em que a popularização da TV ameaçava os cinemas nas pequenas cidades. As pessoas da região começaram a desfrutar de um bem ainda não conhecido, porém, o televisor afastou as pessoas dos cinemas. O personagem Francisgleydisson luta para manter viva a paixão pela sétima arte, com criatividade e o humor cearense. Ele é o proprietário do **Cine Holiúdy**, um pequeno cinema da cidade que terá a difícil

¹⁰ **Meu nome é Rádio (2003)**, filme do diretor americano Michel Tollin sobre um treinador de futebol americano e um jovem com deficiência mental.

missão de se manter vivo como opção de entretenimento. O filme é exibido com legendas em português, para facilitar o entendimento de pessoas que não moram no Ceará e que não compreenderiam o dialeto cearense.

Nove meninos e duas meninas, com idades entre 12 e 14 anos, compareceram à sessão. Os meninos estavam empolgados dizendo que “no cartaz parecia que ia ter luta”. Um deles compareceu a outras duas sessões anteriores. Trouxeram pacotes de salgadinhos e refrigerante.

Ficaram muito agitados no início, mas viram o filme até o final e deram boas gargalhadas. Em alguns momentos perguntavam o que os personagens estavam dizendo, por não entenderem o “cearencês”.

Um dos meninos relatou que no ano seguinte sua família se mudaria e não estudaria na EMAZ, mas que virá sempre que tiver filme, pois é muito bom. Foi uma boa despedida.

4. Considerações finais

Refletir acerca do que foi feito remete, novamente, à indagações iniciais de por que o Cinemaz foi suspenso. A resposta seria: precipitação. Ouvir durante as aulas na pós-graduação relatos de colegas e dos próprios professores sobre experiências de exibição de filmes em que o público era de um ou dois (ou nenhum) espectador, mostrou que os resultados de público do Cinemaz não eram ruins. Os estudantes compareciam espontaneamente, fora do horário obrigatório das aulas, para uma atividade que sequer “valia pontos”.

Muitas vezes os frutos ou resultados de algumas escolhas não são passíveis de serem analisados imediatamente. Ao longo de dois anos foi possível constatar que iniciativas que vislumbrem ampliar a capacidade da escola de oferecer instrumentos de aprendizagem e inserção sociocultural aos meninos e meninas com as quais lidamos podem ter no cinema um forte aliado.

Durante as aulas ou em outros momentos, não há dúvida de que as situações em que crianças e adolescentes se encontram para ver um filme já são, em si, momentos ricos em possibilidades de desenvolvimento a partir da interação com seus pares e com a tela.

Projetos como o Cinemaz dependem de que haja persistência, continuidade. No caso da Escola Municipal Armando Ziller a semente está plantada e dá frutos. O Cinemaz vai continuar em 2015, com outras pessoas se encarregando de sua coordenação, pois se consolidou como projeto institucional.

Novas ideias abrem caminho a novas possibilidades na “parceria” educação e cinema. Uma das últimas contribuições das aulas do LASEB foi o quanto a participação dos (as) próprios estudantes na “logística” do projeto pode fortalecê-lo. Orientar os meninos e meninas sobre a escolha dos filmes, divulgação e exibição dos filmes fará valer um princípio com o qual a Escola ainda engatinha em sua consolidação: o protagonismo juvenil. Permitir que tomem a frente, se sintam parte ativa do Projeto poderá fazer a diferença na adesão dos colegas espectadores.

Na regência uma nova proposta começa a ganhar forma: a exibição de curtas. A ideia é oferecer aos estudantes títulos preferencialmente nacionais, após o encerramento das aulas do turno da manhã.

5. Referências

Referências bibliográficas

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 3. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FRESQUET, Adriana. **Cinema & Educação** - Reflexões e experiências com estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. 3. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto. Lazer. In: SOUZA, João Valdir e GUERRA, Rosangela (orgs). **Dicionário Crítico da Educação**. Belo Horizonte, Dimensão, 2014.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro e LOPES, José de Sousa Miguel (orgs). **A escola vai ao cinema**. 3ª edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.

ALVARENGA, Arnaldo Leite e GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Billy Elliot, ou na dança, o cisne. In: **A escola vai ao cinema**. TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro e LOPES, José de Sousa Miguel (orgs). 3. Edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.

ANDRADE, Mariza Guerra de. **Memória e Cinema: diálogos abertos**. Revista Presença Pedagógica. V.18.n. 104. mar/abr 2012. Belo Horizonte, Dimensão, 2012.

GUSMÃO, Milene. **Cinema e Educação**: algumas referências entre memórias e processos de formação. Belo Horizonte, Universo Produções, 2011.

FOURQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.(p. 10)

BRASIL. Lei nº 13.006 de 26 de junho de 2014. *Diário Oficial da União*, Brasília, 27 jun. 2014.

Referências filmográficas

BILLY Elliot. Direção Stephen Daldry. Arts Council of England, BBC Films, Studio Canal, Tiger Aspect Productions, WT2 Productions, Working Title Films. Inglaterra e França, 2002. Duração 110 min.

CINE Holiúdy. Direção Halder Gomes. *Downtown* Filmes/Paris Filmes. Brasil, 2013. Duração 91 min.

INVENÇÃO de Hugo Cabret. Direção Martin Scorsese. GK Films, Infinitum Nihil. EUA, 2012. Duração 127 min.

KIRIKU e a feiticeira. Direção Michel Ocelot. Les Armateurs, Odec Kid Cartoons, Monipoly Productions, Trans Europe Film, Studio O, France 3 Cinéma, Radio Télévision Belge Francophone (RTBF), Exposure, Canal+, Procirep. França, Bélgica, 1999. Duração 74 min.

LIÇÃO de amor, uma. Direção Jessie Nelson. Avery Pix, Bedford Falls Productions, New Line Cinema, Red Fish Blue Fish Films. EUA, 2003. Duração 132 min.

MEU nome é Rádio. Direção Michael Tollin. Revolution Studios, Tollin/Robbins Productions. EUA, 2003. Duração 109 min.

NARRADORES de Javé. Direção Eliane Caffé. Bananeira Filmes. Brasil, 2003. Duração 100 min.

VISTA minha pele. Direção Joel Zito. Patrocínio: CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. Brasil, 2003. Duração 24 min.

Sites

ADORO CINEMA .www.adorocinema.com.br . Acesso em 20 mar. 2015.

EPIPOCA. www.epipoca.com.br. Acesso em 20 mar. 2015.

6. Anexos

6.1 – Foto da fachada da Escola



Acervo, 2015.

6.2 – Cartazes e flyers de divulgação dos filmes

O projeto CINEMAZ está de volta!

Venha assistir conosco o filme



PRÓXIMA SEXTA, DIA 03/10/2014

ÀS 18:00 HORAS
(Duração: 25 minutos)

Classificação: 14 anos



Apresenta o filme

Vista Minha Pele (2003), do diretor Joel Zito Araújo

Sexta-feira
dia 03/10/2014
às 18:00h



Do mesmo diretor de "As Filhas do Vento" (Joel Zito Araújo), o curta-metragem "Vista a Minha Pele" é uma divertida parábola de realidade brasileira. Serve de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala-de-aula. Nesta história inventada, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são Alemanha e Inglaterra, enquanto os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa-de-estudo que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. A maioria de seus colegas é hostilizada, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade.

Fonte: <http://www.ecinemasdebras.com.br> e cinemahistoriaeducacao.wordpress.com

O projeto CINEMAZ apresenta:



MELHOR FILME DE ANIMAÇÃO
FESTIVAL ANNIECY DE ANIMAÇÃO

KIRIKU E A FEITICEIRA
UM FILME DE MICHEL OCELOT

SEXTA, DIA 24/10/2014

ÀS 18:00 HORAS
(Duração: aproximadamente 70 minutos)

Classificação: livre



Apresenta o filme

Kiriku (1999), do diretor Michel Ocelot

Sexta-feira
dia 24/10/2014
às 18:00h

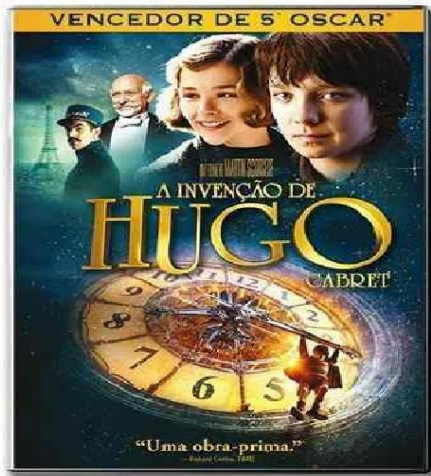


Na África Ocidental nasce um menino minúsculo, cujo tamanho não alcança nem o joelho de um adulto, que tem um destino: enfrentar a poderosa e malvada feiticeira Karabá, que secou a fonte d'água da aldeia de Kirikou, engoliu todos os homens que foram enfrentá-la e ainda pegou todo o ouro que tinham. Para isso, Kirikou enfrenta muitos perigos e se aventura por lugares onde somente pessoas pequeninas poderiam entrar.

Fonte: www.adrocinema.com.br



O projeto CINEMAZ apresenta:



SEXTA, DIA 31/10/2014

ÀS 18:00 HORAS
(Duração: aproximadamente 128 minutos)

Classificação: 10 anos



Apresenta o filme

A invenção de Hugo Cabret (2012)
do diretor John G. Avildsen

Sexta-feira
dia 31/10/2014
às 18:00h

Classificação: 12 anos



Paris, anos 30. Hugo Cabret é um órfão que vive escondido nas paredes da estação de trem. Ele guarda consigo um robô quebrado, deixado por seu pai. Um dia, ao fugir do inspetor, ele conhece Isabelle, uma jovem com quem faz amizade. Logo Hugo descobre que ela tem uma chave com o fecho em forma de coração, exatamente do mesmo tamanho da fechadura existente no robô. O robô volta então a funcionar, levando a dupla a tentar resolver um mistério mágico.

Fonte: www.asorocinema.com.br



O projeto CINEMAZ apresenta:



BILLY ELLIOT
DIRECTED BY STEPHEN DALDRY



UM TRIUNFO!

PRÓXIMA SEXTA, DIA 07/11/2014

ÀS 18:00 HORAS
(Duração: aproximadamente 111 minutos)

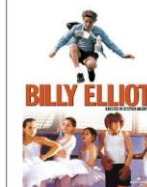
Classificação: 12 anos



Apresenta o filme

Billy Elliot (1999), do diretor Stephen Daldry

Sexta-feira
dia 07/11/2014
às 18:00h

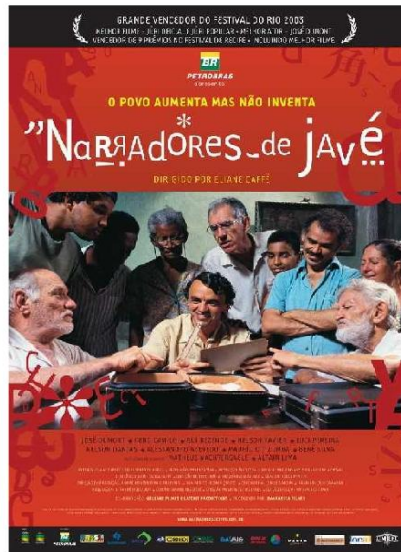


Billy Elliot (Jamie Bell) um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, ao qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe, incentivado pela professora de balé Julie Walters, que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma dança. Mas para viver essa paixão, ele terá que enfrentar o preconceito da comunidade e uma crise financeira que se abateu sobre sua família.

Fonte: www.asorocinema.com.br



Venha se divertir com esta belíssima história

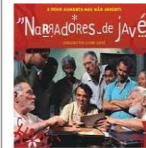


SEXTA, DIA 28/11/2014

ÀS 18:00 HORAS

(Duração: aproximadamente 100 minutos)

Classificação: 10 anos



Apresenta o filme

Narradores de Javé(2003),
da diretora Eliane Caffé

Somente uma ameaça à própria existência pode mudar a rotina dos habitantes do pequeno vilarejo de Javé. É aí que eles se deparam com o anúncio de que a cidade pode desaparecer sob as águas de uma enorme usina hidrelétrica. Em resposta à notícia devastadora, a comunidade adota uma ousada estratégia: decide preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos heróicos de sua história, para que Javé possa escapar da destruição. Como a maioria dos moradores são analfabetos, a primeira tarefa é encontrar alguém que possa escrever as histórias.

Fonte: www.adorocinema.com.br

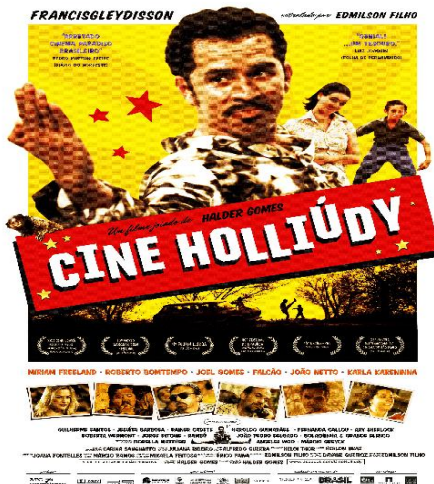
Sexta-feira
dia 28/11/2014
às 18:00h



QUE TAL APRENDER A FALAR CEARENÇÊS?



O projeto CINEMAZ apresenta:

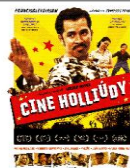


Sexta-feira – DIA 12/12/2014

ÀS 18:00 HORAS

(Duração: aproximadamente 91 minutos)

Classificação: 10 anos



Apresenta o filme

Cine Hollidúy(2013),
do diretor Halder Gomes.

No filme "Cine Hollidúy", mulher bonita é "espilicute", arrumar aquela confusão é "botá boneco" e quando uma coisa é rebuscada, é "chei dos leraute". É o dialeto cearençês, falado no filme que se passa no interior do Ceará, década de 1970. A popularização da TV permitiu que os habitantes da cidade desfrutassem de um bem até então desconhecido. Porém, o televisor afastou as pessoas dos cinemas. É aí que Francisgleydisson entra em ação. Ele é o proprietário do Cine Hollidúy, um pequeno cinema da cidade que terá a difícil missão de se manter vivo como opção de entretenimento.

Fonte: www.adorocinema.com.br

Sexta-feira
dia 12/12/2014
às 18:00h



Classificação 12 anos

6.3 – Fotos de público momentos antes da exibição do filme Kiriku

